



## Representações do protagonismo feminino em *Howards End*, de E. M. Forster

Alexandre Menezes de Aguiar<sup>1</sup> e Fulvio Torres Flores<sup>2\*</sup>

<sup>1</sup>Secretaria de Educação do Amazonas, Rua Waldomiro Lustosa, 350, 69076-820, Manaus, Amazonas, Brazil. <sup>2</sup>Universidade Federal do Vale do São Francisco, Juazeiro, Bahia, Brazil. \*Autor para correspondência. E-mail: fulvio.flores@univasf.edu.br

**RESUMO.** As personagens femininas de E. M. Forster têm grande importância nos romances do autor, uma vez que representam aspectos sociais, políticos e filosóficos da sociedade do século XX e, por meio delas, ele desenvolve suas observações sobre os principais acontecimentos que definem a sociedade. Em *Howards End*, as irmãs Schlegel Margaret, Helen e sua tia Juley representam a emancipação feminina e os aspectos culturais da burguesia. As irmãs têm seus caminhos cruzados com os de Ruth Wilcox, esposa de Henry, que vem auxiliá-las no momento de dificuldades quando o aluguel delas expira e decide entregar sua própria residência (*Howards End*) para elas. Além dessas, outras personagens importantes como Dolly, a senhora Avery, Evie e Jacky Bast são responsáveis por desempenhar certas atividades e representações no romance. A análise de suas personalidades e características permite uma abordagem mais objetiva daquilo que o autor realmente busca descrever no período de 1910. Logo, ao unir esses grupos de mulheres, podemos delimitar suas especificidades e atribuições, observando cada singularidade que elas têm. Essa abordagem dos núcleos familiares femininos permite uma análise sociocultural das três classes sociais representadas neste romance, a saber: elite econômica (Wilcox), burguesia (Schlegel) e proletariado (Bast) do início do século XX.

**Palavras-chaves:** transições, classes sociais, capital cultural, sociedade inglesa.

### Representations of female protagonism in *Howards End*, by E. M. Forster

**ABSTRACT.** E. M. Forster's feminine characters are very important in his novels as they represent social, political and philosophical aspects of the 20<sup>th</sup> century society, and through them the author describes his observations about the main events that define the society. In *Howards Ends*, the Schlegel sisters Margaret, Helen and aunt Juley represent the feminine emancipation and the cultural aspects of bourgeoisie. The sisters' pathways cross with Ruth Wilcox's one, Henry's wife, who assists them in time of hardness when their rent expires deciding to give her house (*Howards End*) to them. Besides them, other important characters as Dolly, Madam Avery, Evie and Jacky Bast are responsible for developing certain activities and representations in the novel. The analysis of their personalities and characteristics provide an objective observation of what E. M. Forster really desires to describe in the 1910s. Then, by uniting these groups of women, we can delimit their specificities and attributions, observing each singularity they have. This approach of the feminine family nucleus provides a sociocultural analysis of the three social classes represented in the novel: economic elite (Wilcox), bourgeoisie (Schlegel) and proletariat (Bast) at the beginning of the 20<sup>th</sup> Century.

**Keywords:** transitions, social classes, cultural capital, English society.

### Introdução

As personagens femininas estão presentes em todos os romances de E. M. Forster e, por meio delas, o autor critica as principais injustiças ocorridas na sociedade inglesa de sua época. Elas amenizam discussões que ocorrem entre familiares, dialogam sobre a cultura e a arte de sua época, defendem a igualdade da mulher em meio àquela sociedade machista e extremamente discriminatória e chocam-se com as questões de classe social, reagindo a elas.

Desde criança, E. M. Forster sempre teve os cuidados voltados à figura feminina, pois havia perdido o pai no período em que residia em Rooksnest<sup>1</sup> e cresceu em meio a mulheres que foram responsáveis por sua criação. Em *Howards End*, as personagens de E. M. Forster protagonizam o feminismo da sociedade inglesa do século XX,

<sup>1</sup>Rooksnest era uma residência que pertencia à família dos Howards. Forster escreveu *Howards End* se baseando no nome dessa família. Alguns membros dessa família inspiraram personagens para o romance. Era uma residência elegante com tijolos rosados por praticamente toda construção. E. M. Forster descreve em *Howards End* uma lembrança de seu período quando residia nessa casa com sua mãe (Sarker, 2007).

uma vez que representam os estilos da época, a emancipação feminina e a luta pela igualdade trabalhista. Nessa época, a Inglaterra enfrenta um período de transição e diversas transformações sociais passam a abalar notavelmente os alicerces da sociedade inglesa.

É nesse momento que os valores igualitários entre os homens e mulheres começam a ser discutidos e questionados por um grupo de mulheres que vai às ruas pleitear seus direitos e deveres em uma época em que havia grandes tensões em relação à eminente guerra entre vários países. Aguiar (2016, p. 69) assinala que “[...] a década de 1910 é um período muito importante na Inglaterra que é submetida a diversas transformações sociais que mudaram notavelmente os alicerces da sociedade inglesa”.

Quanto aos movimentos de luta pelos direitos femininos, E. M. Forster apresenta as irmãs Schlegel e o engajamento delas em movimentos sociais, políticos e culturais em prol dessa conquista. As irmãs frequentam eventos artísticos e promovem saraus e debates em suas casas, constantemente leem romances ou acompanham recitais de música clássica: “A música, evidentemente, transformou-a [Helen] profundamente [...]” (Forster, 2007, p. 29, tradução nossa em todas as citações dessa obra)<sup>2</sup>. O envolvimento com grandes clássicos da música internacional é citado por elas: “‘Beethoven é ótimo, disse Margaret’, que não era uma mulher do tipo encorajador. ‘Eu não gosto de Brahms, e nem mesmo de Mendelssohn que veio antes e ugh! Eu não gosto deste Elgar, que está vindo a seguir’” (Forster, 2007, p. 30, destaque no original)<sup>3</sup>.

De igual modo, Alexandre Aguiar (2016) define as irmãs Schlegel como mulheres cultas e intelectuais. Elas debatem sobre grandes clássicos da época com propriedade e domínio. Além da cultura, por terem independência financeira, elas são constantemente criticadas por Henry Wilcox que é definido como um homem autoritário e exigente.

As mulheres dessa época estavam se tornando cada vez mais cultas e emancipadas. Elas dialogam com todos aqueles que são contra seus ideais e almejam ocupar os mesmos postos de trabalho ocupados pelos homens. O grau de intelectualidade das irmãs Schlegel é visível, quando elas recebem o jovem Leonard Bast pela primeira vez na sua residência. Após caminharem do teatro até a residência de Wickham Place e conversarem por todo o caminho sobre literatura e arte, Leonard

percebe que está diante de mulheres cuja inteligência e independência deve ser respeitada.

No romance, a independência das irmãs Schlegel é atacada quando elas são criticadas pelo rico empresário Henry Wilcox, que as considera intelectuais demais para o convívio social dele. Em seu texto *O direito à literatura*, Antonio Candido (2004, p. 262) faz uma afirmação sobre as classes dominantes que serve bem para caracterizar a repulsa de Henry à intelectualidade das irmãs:

As classes dominantes são frequentemente desprovidas de percepção e interesse real pela arte e a literatura ao seu dispor, e muitos dos seus segmentos as fruem por mero esnobismo, porque este ou aquele autor está na moda, porque dá prestígio gostar deste ou daquele pintor.

De igual modo, a senhora Ruth Wilcox, esposa de Henry, também é testemunha desse aspecto culto e emancipado das irmãs, sem criticá-las, porém. Com o passar do tempo, Ruth nota que Margaret recebe artistas, escritores e compositores em sua casa e que, comparado a ela, seu círculo de amizade é bastante restrito.

Além disso, Margaret constantemente exortava a matriarca sobre os direitos de igualdade, assim como a importância da mulher na sociedade: “Se as mulheres devem permanecer o que elas têm sido desde o início da história, ou se, uma vez que os homens avançaram até o momento, elas também podem avançar um pouco agora [...]” (Forster, 2007, p. 67)<sup>4</sup>.

Helen e Margaret frequentam o teatro e se reúnem com amigos para debaterem grandes obras clássicas. Na ocasião, elas assistem à 5ª sinfonia de Beethoven com a família e fazem suas considerações sobre a mesma. Para elas, a música, o teatro e as composições alemãs como as de Brahms e Mendelssohn são frequentemente tema de discussão, pois apreciam tais clássicos. Vale lembrar que elas têm ascendência alemã já que o pai delas era alemão e que havia se casado com uma inglesa quando foi à Inglaterra. Além de ser estrangeiro, ele era um homem respeitado e muito inteligente, já que era professor universitário, razão essa que explica a formação das irmãs.

### Capital social, relações de classe e emancipação feminina

Levando em consideração as palavras de Pierre Bourdieu (1986) em seu artigo *The forms of capital*, no qual o sociólogo francês trata do capital cultural,

<sup>2</sup>“The music has evidently moved her deeply”.

<sup>3</sup>“The Beethoven’s fine, said Margaret, who was not a female of the encouraging type. ‘I don’t like the Brahms, though, nor the Mendelssohn that came first- and ugh! I don’t like this Elgar that’s coming’”.

<sup>4</sup>“Whether women are to remain what they have been since the dawn of history; or whether, since men have moved forward so far, they too may move forward a little now [...]”.

pode-se afirmar que as irmãs têm capital cultural incorporado (*embodied*), aquele adquirido tanto conscientemente quando a pessoa já tem condições de fazê-lo, quanto pode receber como forma de socialização – por atividades familiares e também as compartilhadas pelo grupo social (atividades culturais, tradicionais etc.). Para Bourdieu,

[...] a extensão de tempo para o qual um determinado indivíduo pode prolongar seu processo de aquisição depende da duração de tempo para o qual um determinado indivíduo pode prover a si com tempo livre, por exemplo, tempo livre de necessidade econômica; que é a pré-condição para a acumulação inicial (tempo pode ser avaliado como uma desvantagem a ser superada) (Bourdieu, 1986, p. 49-50, tradução nossa)<sup>5</sup>.

Fica clara aqui a diferença de ‘investimento’ de tempo entre as duas famílias: para os ricos e empreendedores Wilcox, tempo é dinheiro e só deve ser investido naquilo que traz retorno; para as burguesas e artisticamente engajadas irmãs Schlegel, o tempo pode ser usado para refinamento do espírito e crítica social.

As irmãs Schlegel não aceitavam ser subjugadas aos Wilcox, que estavam acostumados a restringir limites às mulheres de sua família. Elas, que são independentes tanto financeira quanto intelectualmente, não se submetem às imposições deles. A princípio, tanto Margaret quanto a sua irmã enfrentam Henry e discordam de suas opiniões. Primeiramente, Margaret não dá ouvidos aos conselhos de Henry quando diz que ela deveria se afastar do jovem proletário por conta da incompatibilidade financeira, o que lhe deixa extremamente chateado.

Posteriormente, entra em cena outra voz feminina que busca enaltecer os direitos femininos. A irmã mais nova de Margaret, a jovem idealizadora Helen Schlegel, que sempre discorda das opiniões do patriarca quando ele impõe sua autoridade: “É essa sua opinião? Um homem que tinha pouco dinheiro tinha menos – esta é minha opinião” (Forster, 2007, p. 166)<sup>6</sup>. As mulheres definitivamente tinham consciência do seu papel como protagonistas das mesmas atividades na sociedade e as irmãs Schlegel sabiam muito bem disso. Celia Briar (1997, p. 13, tradução nossa, destaque no original) auxilia no entendimento do alcance da organização feminina relacionada ao

mundo do trabalho em seu livro *Working for women?: Gendered work and welfare policies in Twentieth-Century Britain*, afirmando que

O Conselho Industrial de Mulheres obteve sucesso em chamar a atenção dos homens em posição de autoridade sobre as demandas das mulheres por trabalhos públicos (Women’s Industrial News, março de 1905). Ademais, o Conselho era apenas uma voz do movimento de mulheres daquele tempo, cujo discurso, de acordo com Olive Schreiner, era ‘Dê-nos trabalho e o treinamento necessário para trabalhar’. As mulheres vinham pressionando pelo aumento de oportunidades de emprego desde a segunda metade do século XIX, por exemplo, através da Campanha para Promoção de Emprego para Mulheres, fundada em 1859; e em 1874 tinham formado seu próprio sindicato, a Liga de Proteção e Previdência das Mulheres, que esteve ativa durante os anos pré-guerra<sup>7</sup>.

Embora seja evidente que as condições não eram iguais, o fato é que as mulheres estavam se organizando há várias décadas e lutando por seus direitos no mundo do trabalho. Tanto Helen quanto Margaret buscam representar o equilíbrio social dessas mulheres por meio de seus gestos entre o público masculino ou por meio de suas ideias e comentários. Mesmo não trabalhando, elas têm algo muito importante em processo de conquista pelas mulheres que as antecederam: a consciência de que a capacidade feminina de trabalho e pensamento não está aquém da masculina.

Em outra ocasião, Margaret não deixa ser intimidada pelo autoritarismo de Charles Wilcox, filho de Ruth e Henry, e se recusa a obedecê-lo quando esse lhe ordena a se sentar no banco do carro, quando estava dirigindo:

‘O que foi isso?’ as garotas questionaram. / Charles os conduziu por cem metros sem conversar. Então ele disse: ‘está tudo bem. Seu carro acabou de atropelar um cachorro.’ / ‘Mas pare!’ exclamou Margaret, aterrorizada. / ‘Não o machucou.’ / ‘Não o machucou?’ perguntou Myra. / ‘não.’ / ‘Por favor, pare!’ disse Margaret, inclinando-se para frente. Ela estava em pé no carro, os outros ocupantes estavam segurando seus joelhos para mantê-la firme. ‘Eu quero voltar, por favor.’ [...] ‘Oh, isto é ridículo! Charles, eu peço a você que pare.’ / ‘Estacionar agora não dá,’ pronunciou lentamente Charles. / ‘Não é?’ disse Margaret e

<sup>5</sup>[...] the length of time for which a given individual can prolong his acquisition process depends on the the length of time for which a given individual can provide him with the free time, i.e., time free from economic necessity; which is the precondition for the initial accumulation (time which can be evaluated as a handicap to be made up”).

<sup>6</sup>“Is that your point? A man who had little money has less—that’s mine”.

<sup>7</sup>“Nevertheless, the Women’s Industrial Council had succeeded in bringing women’s demands for public works to the attention of men in authority (Women’s Industrial News, March 1905). Further, the Council was only one voice in the women’s movement of the time, whose keynote, according to Olive Schreiner, was: ‘Give us labour and the training that fits for labour’. Women had been pressing for increased employment opportunities since the second half of the nineteenth century, for example, through the Campaign to Promote Women’s Employment, founded in 1859; and in 1874 had formed their own union, the Women’s Protective and Provident League, which was active during the prewar period”.

saltou para fora do carro. [...] Charles nunca presenciou uma situação como essa antes. Era uma mulher revoltada que estava mancando diante dele e a fisionomia era muito estranha e para guardar rancor (Forster, 2007, p. 185-186, destaque no original)<sup>8</sup>.

Nota-se que E. M. Forster faz com que as irmãs Schlegel enfrentem certas situações atípicas, quando há a necessidade de elas expressarem as suas opiniões e reiterarem sua autonomia diante da imposição dos homens. As irmãs são emancipadas e não permitem que homem algum lhes imponha regras. Esse é outro ponto interessante no romance. Nesses momentos, as irmãs representam a perseverança e o desejo das mulheres de ter respeitadas suas conquistas, na luta pelos direitos iguais na sociedade. Em sua obra *A voz feminina do século XIX através das páginas do jornal da família*, Karina Oliveira (2009) deixa bem claro que esse era o cenário que elas enfrentavam no início do século XX na Europa, e após uma árdua conquista, elas certamente não retrocederiam aos velhos tempos em que eram submissas às ordens dos homens.

Nos Estados Unidos e na Inglaterra, o feminismo adotou um posicionamento focalizado no sufrágio e na vida econômica das mulheres. Muitas dessas feministas reclamavam do preconceito dentro do mercado de trabalho, onde exerciam os mesmos cargos que os homens e tinham salários mais baixos. Segundo Enders, Ferreira, e Franco (2008), a maioria das feministas da primeira onda exigia igualdade de tratamento tanto no espaço público quanto no privado. Percebe-se que as personagens Margaret e Helen Schlegel desempenham papel importantíssimo no romance: o de representar as 'novas mulheres' que se recusam a ser tratadas com autoritarismo pelos homens. Elas são responsáveis por fazer um recorte dessa época importante, quando toda a sociedade passava por uma transformação histórica. Zina Abreu (2015, p. 444) afirma que Mary Wollstonecraft, uma das mentoras do sufrágio,

[...] era esposa de William Godwin e companheira de outros pensadores liberais setecentistas, como Richard Price e Joseph Johnson – todos radicais britânicos imbuídos do ideário político democrático que [...] argumentava que a desigualdade social e

política entre os sexos devia-se sobretudo à educação diferenciada que as mulheres recebiam, e ao cerceamento da sua liberdade, por convenções sociais longamente estabelecidas.

Em *Howards End*, as irmãs Schlegel representam essas mulheres que lutaram pela conquista de seus direitos na sociedade e que faziam questão de votar. Outro ponto interessante a ser mencionado sobre as irmãs é que, por terem ascendência alemã (a mãe é inglesa, e o pai, alemão), constantemente fazem viagens ao exterior e buscam interagir com o seu segundo país. Essa ligação com a Alemanha está muito presente na vida delas, que guardam os valores artísticos, culturais e sociais desse país e as influenciam constantemente. Os próprios compositores clássicos da música mencionados por elas são prova disso (Beethoven, Mozart).

Além do mais, ambas também estavam envolvidas em movimentos sociais que buscavam preservar os direitos de cada cidadão. A igualdade e a solidariedade são conceitos que elas preservam desde tenra idade e que praticam diariamente na sociedade.

Essas mulheres cultas e emancipadas não só contribuem com sua formação cultural e artística, mas também conquistam o público masculino, à medida que elas adquirem espaço nessa sociedade extremamente exigente e machista. O próprio Henry Wilcox, a princípio incomodado com a intelectualidade de Margaret, se vê encantado com sua postura simpática e charme, e a pede em casamento, após a morte de sua esposa Ruth. Henry casa-se com Margaret, que irá residir em Howards End com ele e, conseqüentemente, passará a ter direito na propriedade.

As personagens Avery e Ruth Wilcox também têm uma representação muito importante. Elas contribuem para a representação do misticismo que E. M. Forster acreditava existir, pois trazem uma carga simbólica especial ao romance. A primeira, que é a governanta responsável por Howards End, parece prever que a residência seria entregue a Margaret quando diz que ela irá herdá-la, prenunciando a posse do imóvel permanentemente à primogênita das Schlegel. Além de tomar conta da propriedade, ela surge inesperadamente em Howards End e assusta Margaret, que diz parecer um fantasma. O misticismo do autor fica bem evidente quando analisamos as crenças que Ruth Wilcox tinha nos antepassados. Como assinala Jeffrey Teachout:

Forster usa símbolos como uma técnica em seu romance e tem sido criticado por isso (a exemplo disso, por seu amigo Roger Fry), por estar aderindo um pouco do misticismo. Um exemplo desse misticismo é o olmeiro em Howards End, a personagem senhora Ruth Wilcox nesse romance e a

<sup>8</sup>“What is it?” the ladies cried. / Charles drove them a hundred yards without speaking. Then he said: ‘It’s all right. Your car just touched a dog.’ / ‘But stop!’ cried Margaret, horrified. / ‘It didn’t hurt him.’ / ‘Didn’t really hurt him?’ asked Myra. / ‘No.’ / ‘Do please stop!’ said Margaret, leaning forward. She was standing up in the car, the other occupants holding her knees to steady her. ‘I want to go back, please.’ [...] ‘Oh, this is ridiculous! Charles, I ask you to stop.’ / ‘Stopping’s no good,’ drawled Charles. / ‘Isn’t it?’ said Margaret and jumped straight out of the car [...] Charles had never been in such a position before. It was a woman in revolt who was hobbling away from him, and the sight was too strange to leave any room for anger”.

senhora Moore em *A Passage to India* têm uma conexão mística com o passado e são capazes de alguma forma de se conectar com pessoas para além dos seus círculos (Teachout, 2009, p. 2, tradução nossa)<sup>9</sup>.

Ao entrecruzar os caminhos entre os Wilcox e a família Schlegel, o autor concretiza sua epígrafe inicial *Only Connect* (Junte Apenas) entre três classes sociais que possuem suas diferenças e peculiaridades. Além disso, o envolvimento de Helen e Leonard Bast também representa outro ponto interessante no romance: o convívio e a mescla possíveis entre as classes. Helen fica grávida de um jovem proletário, algo inconcebível em uma sociedade extremamente estratificada para uma mulher pertencente a sua classe social.

As personagens de E. M. Forster têm personalidades fortes e, ao mesmo tempo, o autor atribui seu toque de gentileza e imposição, quando elas interagem em situações críticas. A descrição de Margaret é uma prova disso. Ela é a irmã mais velha e responsável por representar a família Schlegel. Essa mulher é comunicativa, simpática e cordial com as pessoas com quem lida diariamente. Margaret é bastante pragmática e racional, quando se trata de relacionamentos afetivos e resolução dos negócios da família. Quando criança foi responsável pela criação dos seus irmãos (Helen e Tibby), após a morte de seus pais, representando assim, a figura materna do lar.

Há cumplicidade entre ambas as irmãs que são extremamente unidas e sinceras uma com a outra. Margaret é a líder da família. Ela é quem vai até a residência dos Wilcox e busca amenizar as diferenças e conflitos entre eles quando sua irmã, Helen Schlegel, teve um envolvimento súbito com Paul Wilcox, outro filho do casal Henry e Ruth. Na ocasião, ela vai até o apartamento da senhora Ruth Wilcox desculpar-se da carta constrangedora que enviou à matriarca. Como de costume, o autor explora seu público feminino ao máximo, extraindo suas principais virtudes e qualidades. Não poderia ser diferente, E. M. Forster o faz quando define a personalidade dessa personagem.

A formação artística de Margaret Schlegel é baseada na cultura que toda sua família tem acerca da arte e literatura. Ela revela-se uma leitora assídua de obras alemãs, influenciada pelo pai cuja ascendência era alemã. No teatro, ela e sua família fazem críticas e comentários sobre a apresentação e cita algumas

obras de artistas conhecidos, tais como *Fausto*, de Goethe, *Tannhäuser*, de Richard Wagner<sup>10</sup>, e *Tosca*, de Giacomo Puccini (esse italiano).

A postura firme e organizada de Margaret faz alusão à representação da prosa em toda sua organização literária. Ela é constantemente criticada pela irmã por conta disso. Seu envolvimento com Henry é um dos motivos das críticas de Helen que não vê ligação alguma entre a irmã e o materialista Wilcox “[...] a questão é que há um grande abismo entre meus relacionamentos e os seus. O seu relacionamento foi romance; o meu será prosa [...]”<sup>11</sup> (Forster, 2007, p. 152).

Margaret enxerga o amor de forma pragmática e racional, comparado com a noção de sua irmã. Ao comparar sua noção de amor com a prosa e a da irmã com a poesia, Margaret parece defender a ideia de que a poesia descreve uma visão romântica, abstrata e impulsiva quanto ao amor, enquanto a prosa é uma visão mais realista e trivial, calcada no cotidiano. Seu mundo é mais concreto e menos idealizado, ao passo que Helen representa um ideal romântico ao acreditar na integração entre dois mundos, a arte e a poesia, a integração de classes sociais diferentes, enquanto Margaret, após o casamento com Henry Wilcox, procura se adaptar às novas circunstâncias e valores, ao se distanciar da irmã e dos antigos ideais.

Margaret é uma personagem atenciosa e compreensível com todos que buscam a sua companhia. Ela fica fascinada com a lenda que Ruth Wilcox lhe conta acerca dos dentes de porcos:

Oh, isso deve lhe interessar. Há dentes de porcos presos no tronco, a aproximadamente um metro do chão. As pessoas do interior os colocavam lá anos atrás, e eles acreditam que se mascarem um pedaço da casca, ele curará a dor de dente (Forster, 2007, p. 61-62)<sup>12</sup>.

Posteriormente, ela mesma reconta essa lenda a Henry, seu futuro esposo, que fica surpreso com a informação.

A sensibilidade dela é descrita nas entrelinhas do autor como uma mulher meiga e atenciosa às coisas simples da vida, sugerindo, de alguma forma, uma relação com Ruth Wilcox. Há uma contínua conexão entre ela e a matriarca quando dialogam na residência dessa última. Essa cumplicidade e amizade entre ambas é o fundamento principal para

<sup>9</sup>Forster uses symbols as a technique in his novels, and has been criticized (as by his friend Roger Fry), for being attached to mysticism. An example of his symbolism is the Wych Elm tree in *Howards End*; the characters of Mrs. Wilcox in that novel and Mrs. Moore in *A Passage to India* have a mystical link with the past and are able somehow to connect with people from beyond their own circles”.

<sup>10</sup>Tannhäuser é um poeta alemão medieval citado pelas irmãs Schlegel quando saem de um concerto de ópera. Na ocasião, elas discutem sobre a estética alemã e os principais compositores desse país. Ernesto Von Rüdert cita e fornece uma tabela com informações, datas e nomes desses principais compositores alemães em seu artigo *Música e Literatura* (Rüdert, 2015).

<sup>11</sup>[...] the point is that there is the widest gulf between my love-making and yours. Yours was romance; mine will be prose”.

<sup>12</sup>Oh, it might interest you. There are pigs’ teeth stuck into the trunk, about four feet from the ground. The country people put them in long ago and they think that if they chew a piece of the bark, it will cure the toothache”.

que Ruth tome a decisão de entregar Howards End quando se encontra em um leito de hospital.

Margaret é quem revela as dificuldades que sua família está passando à Ruth e compartilha um temor que vem assolando a todas. A revelação da perda de Wickham Place é vista como um pesadelo por elas porque traz uma grande incerteza sobre o futuro. Confiante e determinada, Margaret busca solucionar os problemas e entraves de forma rápida e tranquila. A procura por uma nova residência para morar torna-se o objetivo principal dela e de sua irmã, mesmo sem saber que foi o desejo de Ruth Wilcox que Howards End fosse entregue a ela.

A ligação entre ambas as famílias é fruto da simpatia e diálogos de Margaret Schlegel, que aceita o pedido de casamento de Henry, após a morte de sua esposa: “Senhorita Schlegel [...] Eu lhe trouxe aqui com segundas intenções. Eu quero falar sobre algo muito mais sério do que uma casa” (Forster, 2007, p. 143)<sup>13</sup>. Ao aceitar o convite, Margaret legitima sua felicidade com Henry mesmo sendo criticada por Helen, que não vê conexão alguma entre a irmã e seu noivo.

Ela é uma mulher que se sensibiliza com as dificuldades dos cidadãos de classes baixas e busca ajudá-los constantemente. É alvo de contínuas críticas que Henry faz quando observa Margaret se envolvendo em ações sociais ou mesmo amizade com pessoas de classe proletária, exortando e exigindo o afastamento o mais depressa possível. “Você se comporta muito bem com as pessoas e então elas se impõe a você [...] Você deve manter aquele tipo de gente a distância” (Forster, 2007, p. 126)<sup>14</sup>.

Além disso, o casamento de Margaret e Henry causa revolta na família Wilcox. Para Charles e sua esposa Dolly, por exemplo, Margaret iria expulsá-los de Howards End a partir do momento em que ela tomasse posse do imóvel, supondo que ela sempre teve o intuito de ludibriar Ruth, enquanto a matriarca estava viva. Isso fica bem claro quando Charles e Dolly dizem que não há espaço para armazenar objetos ou livros na residência, após Margaret perguntar se poderia alugar a residência. O interesse de Margaret pela residência desperta a cólera de Dolly que se torna extremamente agressiva: “Eu poderia simplesmente arrancar os olhos dessa mulher [...]” (Forster, 2007, p. 161)<sup>15</sup>.

Apesar do inconformismo de Charles e dos demais Wilcox, Margaret torna-se a nova herdeira de

Howards End, após várias tentativas frustradas de Charles e Dolly. A personagem traz uma representação muito importante no romance, sendo responsável pelo entrecruzamento das famílias, unindo os aspectos materiais e intelectuais da classe inglesa.

Helen Schlegel é a irmã mais jovem que busca viver a vida de forma mais intensa e liberal. Ela parece se apaixonar com facilidade, o que causa certos constrangimentos a sua família. No início do romance, Helen teve um súbito envolvimento com Paul, que não perdurou muito. Ao contrário de Margaret, Helen não se preocupa com as consequências de seus relacionamentos e vive o momento, de acordo com uma filosofia romântica ao defender o enfrentamento das convenções sociais, tais como noção de decoro e etiqueta, sem falar da questão mais problemática do romance, a interação com classes sociais menos abastadas ou, mais claramente, com membros do proletariado, como os Bast.

Apesar de pertencer à burguesia e ter boa formação artística e literária, Helen mostra-se atenta às dificuldades que os proletários enfrentavam, e parece constantemente preocupada com eles. Ela e sua irmã estão engajadas em movimentos sociais que visam dialogar, debater e promover reuniões, saraus e análise de obras literárias. Essas qualidades não foram valorizadas pelo clã dos Wilcox que visavam somente obter lucros financeiros.

Charles descreve bem isso quando insinua que Helen intencionava aplicar um golpe em seu irmão Paul: “Eu advirto você: Paul não tem dinheiro algum; é inútil” (Forster, 2007, p. 16)<sup>16</sup>. O embate entre ambas as famílias inicia-se com essas visíveis diferenças, pois os Wilcox são materialistas e não têm os mesmos gostos das irmãs Schlegel. Helen é uma assídua leitora de obras literárias, que dialoga sobre assuntos progressistas, assim como temáticas políticas e sociais. Paul, em contrapartida, é totalmente o contraste daquilo que ela buscava. Ele é materialista e opta por seguir seu caminho às colônias e fazer fortuna assim como o seu pai fez administrando os negócios da família. É a partir daí que Helen vê nitidamente um vazio na família dos Wilcox:

De alguma forma, quando aquele tipo de homem olha assustado é terrível. É normal para nós ficarmos assustadas [...] Mas para homens como aquele! Quando eu vi todos os outros tão plácidos e Paul aterrorizado [...] eu senti por um momento que

<sup>13</sup>“Miss Schlegel [...] I have had you up here on false pretences. I want to speak about a much more serious matter than a house”.

<sup>14</sup>“You behave much too well to people, and then they impose on you. [...] You must keep that type at a distance”.

<sup>15</sup>“I could simply scratch the woman’s eyes out [...]”.

<sup>16</sup>“I warn you: Paul hasn’t a penny. it’s useless”.

todos os Wilcox eram uma fraude (Forster, 2007, p. 21)<sup>17</sup>.

Para ela, os relacionamentos são essenciais para unificar todos os cidadãos, visto que sua concepção de vida baseia-se nos moldes sociais. Helen é uma personagem que acredita nas pessoas, apesar de isto ser o seu calcanhar de Aquiles. Ela acredita nos valores interpessoais como elemento capaz de unir toda a sociedade. Sentada à mesa, seu discurso enfatiza bem esse seu ponto de vista. “‘Eu me lembro do Paul no café da manhã’, disse Helen calmamente. ‘Eu nunca o esquecerei. Ele não tinha nada em que se apoiar. Eu sei que relações pessoais são a vida real, para sempre’” (Forster, 2007, p. 23, destaque no original)<sup>18</sup>.

Ao contrário de Paul, Helen reconhece em Leonard um homem diferente. Ele parece não ter medo de enfrentar as barreiras sociais que separam as famílias Schlegel e Bast, assim como se interessa por arte, para além do mundo materialista dos Wilcox.

Leonard acredita que pode ascender profissionalmente por meio da cultura e da arte e isso fica evidente no romance quando observamos suas contínuas leituras de prosa inglesa. Além disso, de igual modo, ele é definido como uma pessoa culta e esforçada pelas irmãs Schlegel, que se surpreendem pelo fato de frequentar o teatro apesar de suas dificuldades financeiras.

De certa forma, Leonard Bast revela-se um jovem focado em seus objetivos, os quais já foram supracitados acima. Para ele, alcançar projeção social, durante um período de instabilidades comercial e desemprego crescente havia se tornado seu objetivo principal.

Eu vou te contar outra coisa também. Eu me importo bastante em melhorar por meio da Literatura e da Arte e alcançar melhor perspectiva. Por exemplo, quando você entrou eu estava lendo *Stones of Venice*, de Ruskin. Eu não estou dizendo isso para me exibir, mas para te mostrar que tipo de homem eu sou (Forster, 2007, p. 46)<sup>19</sup>.

Aqui é importante retomar o que Bourdieu (1986, p. 49-50) fala sobre capital cultural incorporado e previamente citado, pois é possível estabelecer uma diferença entre a forma como as

Schlegel e Leonard Bast acumulam tal capital. Elas dispõem de tempo livre e capital financeiro para dedicar boa parte de seu tempo à leitura, a eventos culturais em sua própria casa e a eventos culturais fora dela (como concertos, peças de teatro etc.). Leonard é um trabalhador proletário que dedica boa parte de seu tempo livre (fora do trabalho), que se esforça para autoinstruir-se no mundo da cultura, apesar de não ter lastro nem apoio familiar e social para isso. Ademais, dadas às condições financeiras precárias de sua vida (moradia, emprego etc.), pode-se afirmar que há sacrifício na aquisição desses bens culturais.

Esse relacionamento com Leonard trouxe sentimento de culpa após Helen ter sugerido que ele deveria deixar seu trabalho na empresa Porphyryon. A consciência da jovem fica conturbada com a demissão de seu amigo que passa a sofrer constantes privações. Helen procura ajudá-lo entregando uma quantia de 05 mil libras esterlinas. Leonard recusa o dinheiro e perde contato com Helen Schlegel que, a essa altura, está grávida e mora com parentes na Alemanha.

Apesar da relação de Helen e Leonard ser súbita e proibida, ela não hesitou em se relacionar com ele e acaba tendo um filho como resultado desse relacionamento. Isso culmina no repúdio de Henry em deixá-la residir em *Howards End* posteriormente, por não admitir uma ‘mãe solteira’ na casa que representa a memória da sua falecida esposa.

Ao compará-la com Margaret, percebe-se que Helen vem representar a poesia e sua conotação mais romântica, quando os ditames sociais não devem interferir no relacionamento entre duas pessoas. A própria tia Juley havia anteriormente desaprovado os arroubos dela quando se envolveu com um jovem chamado Carter. “[...] – ou se ela quisesse casar-se com o homem chamado Carter Paterson, eu teria dito o mesmo” (Forster, 2007, p. 7)<sup>20</sup>. Helen não teme expressar seu ponto de vista e defender suas ideias junto aos homens. Ela contra-argumenta várias vezes, discordando das opiniões de Henry, que fica enfurecido. A própria ida ao casamento da filha do patriarca (Evie) reflete um pouco de sua personalidade voraz e destemida, pois ela foi justamente criticar Henry por ter dado uma péssima indicação a Leonard.

Nos derradeiros capítulos do romance, a jovem Helen Schlegel é excluída e criticada por Henry, que proíbe sua permanência em *Howards End*. Por conta disso, Margaret decide abandoná-lo e

<sup>17</sup>“Somehow, when that kind of man looks frightened it is too awful. It is all right for us to be frightened, [...] but for men like that! When I saw all the other so placid, and Paul mad with terror [...] I felt for a moment that the whole Wilcox family was a fraud”.

<sup>18</sup>“‘I remember Paul at breakfast,’ said Helen quietly. ‘I shall never forget him. He had nothing to fall back upon. I know that personal relationships are the real life, for ever and ever’”.

<sup>19</sup>“‘I’ll tell you another thing too. I care a good deal about improving myself by means of Literature and Art, and so getting a wider outlook. For instance, when you came in I was reading Ruskin’s *Stone of Venice*. I don’t say this to boast, but just to show you the kind of man I am’”.

<sup>20</sup>“[...] – or if she had wanted to marry the man who calls for Carter Paterson, I should have said the same”.

permanece ao lado de sua irmã grávida. A decisão de Margaret em permanecer ao lado de Helen surge como um alerta ao seu esposo que vê seu matrimônio desmoronando. Margaret havia mostrado que ele cometeu uma transgressão pior quando era casado (pois teve um relacionamento extraconjugal com Jacky, uma prostituta que mais tarde se tornaria esposa de Leonard Bast) e que, por isso, deveria perdoar Helen assim como foi perdoado pela segunda esposa (Margaret).

Jacky é citada como uma jovem mulher que se prostituía na Grécia e que, na ocasião, conheceu Henry Wilcox quando esteve no país. O autor insere-a no romance como uma forma de criticar a hipocrisia burguesa e o desmoronamento da ética conjugal. As personagens femininas de E. M. Forster trazem essas características ao romance. Elas definem específicas classes sociais e suas incompatibilidades entre si.

Confrontado, Henry cede a Margaret e Helen passa a viver em *Howards End*. O 'Junte Apenas' anunciado na abertura do romance finalmente se concretiza. Sob o mesmo teto vivem o velho Henry Wilcox, as irmãs Schlegel Margaret e Helen, e a criança fruto do relacionamento de Helen e Leonard Bast. Este último não poderá desfrutar dessa mescla de famílias e classes sociais na mesma casa, pois morrerá em consequência de uma agressão de Charles Wilcox, que o levou a ter um ataque do coração ao ter uma estante de livros caída sobre seu corpo.

### Considerações finais

A Inglaterra passou por profundas mudanças sociais, culturais, políticas e financeiras durante a década de 1910. Nessa época, as mulheres pleitearam direitos igualitários entre os homens no trabalho, no meio político e em outros segmentos da sociedade. No romance *Howards End*, essa luta em defesa dos direitos femininos é representada pelas irmãs Schlegel, cuja família defende a emancipação das mulheres e a apreciação da cultura e da arte.

Por outro lado, os Wilcox, que são uma família extremamente materialista, questionam a posição das mulheres frente às convenções impostas pelo patriarcado da época. Além dessas duas famílias descritas em *Howards End*, o autor introduz os Bast. Eles integram outro núcleo familiar e representam os proletários da época em questão. Assim, E. M. Forster faz simultaneamente o entrelaçamento de suas personagens, fazendo com que os seus conflitos e desejos sejam apresentados ao leitor, que revive os principais fatos marcantes ocorridos na década de 1910.

E. M. Forster descreve claramente as consequências da segregação social, racial e cultural não somente na sociedade inglesa quanto em outras e busca evidenciar os ditames sociais em relação a essa prática. *Howards End* também alude à imposição da cultura, de convenções e sanções impostas aos países colonizados que se tornam fonte de extração de recursos e abastecimento aos colonizadores (representados pelos Wilcox). O autor assinala que o equilíbrio harmônico entre os povos só se concretizaria se todos se unissem – a epígrafe do romance, *Only Connect* (Junte Apenas), deixa isso claro –, evitando assim a discriminação de grupos étnicos e sociais.

### Referências

- Abreu, Z. (2015). *Luta das mulheres pelo direito do voto - movimentos sufragistas na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos*. Recuperado de [https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/380/1/Zina\\_Abreu\\_p443-469.pdf](https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/380/1/Zina_Abreu_p443-469.pdf)
- Aguiar, A. M. (2016). *Mudanças e transições da Inglaterra no século XX em Howards End de E. M. Forster*. Vitória, ES: Pedrazul.
- Bourdieu, P. (1986). The forms of capital. In J. Richardson (Ed.), *Handbook of theory and research for the sociology of education* (p. 241-258). New York, NK: Greenwood.
- Briar, C. (1997). Women's "right to work" and the state – 1905-1914. In C. Briar, *Working for women? Gendered work and welfare policies in twentieth-century Britain* (p. 11-29). London, UK: UCL Press.
- Candido, A. (2004). O direito à literatura. In A. Candido, *Vários escritos* (p. 169-191). São Paulo, SP: Duas Cidades.
- Enders, A., Ferreira, M. M., & Franco, R. (2008). *Curso da Antiguidade à globalização*. São Paulo, SP: Brasil.
- Forster, E. M. (2007). *Howards End*. London, UK: Signet Classics.
- Oliveira, K. R. (2009). *A voz feminina do século XIX através das páginas do jornal da família*. Rio de Janeiro, RJ: Fundação Biblioteca Nacional.
- Rüchert, E. (2015). *Música e literatura*. Viçosa, MG: Universidade Federal de Viçosa.
- Sarker, S. K. (2007). *A companion to E. M. Forster*. New Delhi, IN: Atlantic Publishers & Distributors Ltd.
- Teachout, J. (2006). *Only connect*. Wichita, KS: Wichita State University.

Received on June 5, 2016.

Accepted on November 23, 2016.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.